



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

NUNO ALEXANDRE FERNANDES DA ROCHA

A Dignidade da pessoa Humana
Exposição crítica sobre um texto de Jürgen Moltmann

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor Jorge Teixeira da Cunha

Porto
2012

Introdução

O presente trabalho foi realizado no âmbito do mestrado em Educação Moral Religiosa Católica nos ensinos preparatório e secundário.

O tema foi escolhido depois de ter analisado a primeira unidade lectiva do 6º ano, “A pessoa humana”, dentro desta temática optei por fazer uma reflexão sob o ponto de vista da teologia e da ética, mais concretamente a reflexão apresentada na obra de Moltmann “La Dignidad Humana”.

A dignidade da pessoa humana é um tema profundo que toca o homem na sua essência, envolve tanto a nossa reflexão cognitiva como também nos leva a encontrar maneiras de vivermos e pormos em prática os frutos desta reflexão.

Na história pessoal de cada um de nós, começamos a viver e a respeitar a dignidade da pessoa humana antes de sabermos o que era, pelo menos falo por mim. Aprendi o que significa o respeito por mim mesmo e pelo próximo pelo jeito simples como os meus pais tratam os outros, conforme cresci, o que vi foi explicado pelos meus pais, tanto quando me elogiam por portar bem, quer nos momentos em que me portava mal e tantos outros momentos em que apenas partilhavam o que pensavam sobre o modo como viam as outras pessoas a se comportarem. Só anos mais tarde

viria a reflectir sobre o vi e vivi, acredito que a experiência é importante, no entanto, não é tudo, porque mais importante que a experiência é a reflexão que fazemos sobre o que experimentamos, ou como diria Platão uma vida não examinada não merece ser vivida.

O modo como o homem se vê marca o modo como ele se relaciona consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus.

Moltmann é um teólogo que reflectiu o que viveu, sobretudo a primeira parte da sua teologia é mais marcada pela sua caminhada de conversão. A reflexão da dignidade da pessoa humana é acompanhada pela experiência pessoal, pois é na história que ela se concretiza, contudo, mediante a reflexão e análise da experiência, não só da história pessoal, mas também de um povo e mesmo da humanidade, conseguimos superar as vicissitudes que nos rodeiam e nos tornamos pessoas melhores.

Seguir Jesus Cristo é muito mais que apenas professar uma fé, porque somos chamados a viver a fé mediante actos, é pautar a vida pelo chamamento que Deus faz a cada um de nós, que tenhamos vida e vida em abundância. Ser cristão é entrar numa dinâmica em que não podemos correr o risco de simplificar dizendo que uma parte é mais importante que a outra, como exemplo, não podemos dizer que a oração é mais importante, ou que as boas acções são o mais importante, ou, até mesmo, que a formação é o mais importante, mas sim reconhecer de uma forma orgânica o papel de cada factor na caminhada que leva a ver cada parte como meio indispensável à realização da nossa vocação.

Os nossos alunos precisam de entrar nesta dinâmica, no meu parecer, toda a educação tem esta finalidade, que sejam capazes, face à sua história e acontecimentos que se passam à volta, de conferir-lhes um sentido que lhes permita crescer e amadurecer de uma forma harmoniosa.

A escolha de Moltmann como referência principal deste trabalho foi devido à forma como o tema é trabalhado e pela finalidade que este trabalho tem. A forma como Moltmann trabalha o tema, na sua obra “La Dignidad Humana”, é simples e profunda, não é uma mera discussão de vocábulos, mas reflecte como o pensamos guia a nossa vida, e como a maneira como guiamos a nossa vida influencia o que pensamos, pois é no concreto da história que vivemos a nossa dignidade e lutamos por ela. A finalidade deste trabalho é de construir uma ferramenta de trabalho em relação a uma unidade lectiva da disciplina de E.M.R.C., que no meu caso concreto é a primeira unidade lectiva do sexto ano, “A Pessoa Humana”. Tendo em consideração a idade dos alunos, pensei ser mais frutuoso uma reflexão que tivesse em conta o seu estágio de desenvolvimento, pois terão a oportunidade de tratar deste tema de uma forma mais profunda quando forem mais velhos, no 9º ano o tema volta a ser tratado na primeira unidade lectiva, “A Dignidade da Vida Humana”, no secundário é tratado de uma forma mais profunda ao longo de várias unidades lectivas como: “Política, Ética e Religião”, “Um Sentido para a Vida”, “A Dignidade do Trabalho”, entre outros.

Revisitar uma obra com mais de 30 anos foi um desafio. A mensagem desta obra continua actual e pertinente, nesse sentido, é necessário que se faça uma constante reflexão sobre o homem, a fim de encontrar caminhos para os nossos dilemas do

nosso tempo. A história mostra que o homem procura a felicidade, no entanto, nem sempre a fez da melhor maneira, ou pelos melhores motivos, no entanto cabe-nos a missão de ler os sinais dos tempos e estarmos vigilantes face às interpelações do Espírito Santo e à ânsia do homem.

Defender a justiça e a dignidade do homem é uma tarefa nobre, que requer prudência, isto é, que se tenha em conta os vários aspectos que levam ao abuso da dignidade.

A obra de Moltmann contém uma perspectiva da dignidade da pessoa humana, que se baseia na esperança, onde encontramos uma leitura da história, não só uma interpretação do passado e análise do seu tempo, mas também a procura de caminhos para o futuro.

Neste meu trabalho, centrei-me fundamentalmente numa obra, apesar das limitações que advêm desta escolha, esta foi motivada pelo tema e pela forma que é abordada. A minha opção também foi fundada na finalidade deste trabalho, reflectir sobre um tema a nível teológico e filosófico, para que compreender melhor o tema que é tratado numa unidade lectiva da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, não apenas como uma reflexão mas também como a criação de uma ferramenta para a leccionação de uma unidade lectiva em concreto.

1. A dignidade humana: um conceito indispensável

A obra de Moltmann, “La Dignidad Humana”, foi escrita na década de 70, e insere-se na sua teologia da esperança.

A perspectiva que é apresentada sobre os direitos humanos corresponde à segunda geração destes. A primeira geração dos direitos humanos é a defesa dos direitos individuais do homem e a defesa da autônoma do Estado. A segunda geração dos direitos do homem nasce da necessidade de se defender a igualdade entre homens, é a época em que o industrialismo gera na sociedade mudanças, que leva ao surgimento de um proletariado pobre. Os sindicatos nascem com a finalidade de defender os trabalhadores face aos seus direitos, mas também de garantir que eles e as suas famílias tenham acesso à habitação, à saúde e à educação.

Enquanto a primeira geração dos direitos do homem acentuou a liberdade do homem, a segunda geração deu importância ao valor da igualdade.

A obra de Moltmann, da década de 70, reflecte muito das grandes preocupações que viviam na altura. A década anterior foi rica em revoluções que mudaram a forma do homem ver e entender o seu papel no mundo. A pobreza de dois terços da

Humanidade é vista como um desafio à Igreja, que se sente chamada a estar sempre atenta aos mais desprotegidos da sociedade.¹

As duas Grandes Guerras Mundiais deixaram também marcas profundas na história, quer pelo sofrimento causado pelas inúmeras mortes e quer por todos que sobreviveram. Foi no contexto da Segunda Grande Guerra que Moltmann inicia uma caminhada na fé cristã, marcada por dois acontecimentos: em 1943 sobreviveu à destruição de Hamburgo e entre 1945 e 1948 foi prisioneiro de guerra.²

A experiência pessoal do sofrimento e da injustiça leva-o a procurar respostas e sentidos para o sentido da nossa existência e da história, mais concretamente, quando, em 1943, viu um amigo morrer mesmo ao seu lado³. Estas experiências marcaram a sua teologia, de um modo mais explícito na sua primeira fase, que estão marcadas por temas como sofrimento e injustiça e onde a fé se transforma em esperança. A fé impele o homem a confiar na promessa de Deus, é neste horizonte que nasce a esperança. A história da humanidade que não está abandonada por Deus, mas que na cruz de Cristo é a “identificação Deus com o sofrimento do mundo no sofrimento de Cristo”⁴. Moltmann interpreta a mensagem cristã nas suas dimensões sociais, políticas e escatológicas, no centro está Cristo, que na sua morte e ressurreição abarca os grandes mistérios da sua vida e também o seu ministério.

¹ Cf. PIERRARD, Pierre, *História da Igreja Católica*, Planeta Editora, Lisboa, 1992, p. 318-319

² Cf. PINHO, Arnaldo, *Entrevista Jürgen Moltmann*, in *Humanística e Teologia* – Ano 28 – Dezembro de 2007 – Fascículos 1/2, p.17

³ Cfr. MOLTSMANN, Jürgen, *Biografia e Teologia – Itinerari di Teologi*, Editrice Queriniana, Brescia, 1998, p. 20

⁴ CARVALHO, José Carlos, *Notas Biográficas e Teológicas sobre Jürgen Moltmann*, in *Humanística e Teologia* – Ano 28 – Dezembro de 2007 – Fascículos 1/2, p.56

A teologia da libertação nasce na década de 70, surge da convicção que o evangelho tem consequências na vida do homem, estas devem passar para a vida do crente e que passa, concretamente, pela libertação dos oprimidos. Esta visão aponta para a fé do oprimido e suscita a sua esperança⁵, como Moltmann aponta, esta visão de libertação tem limites: por um lado apenas tem conta a situação do oprimido, ao não tratar a situação do opressor, não chega haver uma verdadeira reconciliação, por isso o mal existente não é combatido e abre espaço aos que antes foram oprimidos se transformem em opressores⁶; por outro lado, a influência de um marxismo muito ingênuo, a distinção geográfica entre primeiro e terceiro mundo, aponta a sua falta de exactidão, pois tanto no terceiro mundo existem milionários, como no primeiro mundo existem pobres⁷.

Nas décadas de 60 e 70, o avanço da ciência leva o homem a pensar nos limites que esta pode ter, sobretudo no que diz respeito à experimentação no homem, desta reflexão nasce a bioética. Uma disciplina multidisciplinar que abraça em si as questões da vida do homem, não só sobre o ponto de vista da saúde e da biologia, mas também sob o ponto de vista da moral e da ética.

O nascimento da bioética apresenta também uma mudança no paradigma do pensamento do homem. A especialização do conhecimento chega a patamares tão profundos e densos, que pode levar o homem a ter apenas uma visão parcial e fragmentada da realidade, para valorizar uma visão orgânica da realidade nascem

⁵ Cf. MOLTSMANN, Jürgen, *La Dignidad humana*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1979, p.52

⁶ Cf. *Ibid.*, p.52

⁷ Cf. PINHO, Arnaldo, *Entrevista Jürgen Moltmann*, p.41

campos de investigação e reflexão que vão acolher e valorizar as descobertas de várias áreas e construir um vínculo entre elas.

O Papa João XXIII sentiu os apelos do mundo e responde convocando um concílio. “O discurso de abertura casou sensação porque o papa utilizou uma linguagem de esperança e apresentou o concílio não como um círculo fechado de teólogos, mas como uma assembleia destinada a ‘tornar a Igreja presente no mundo e a sua mensagem sensível à razão e ao coração empenhado do homem... do séc. XX’⁸.

A necessidade da Igreja no “aggiornamento” abre espaço para uma ampla reflexão teológica sobre as diferentes dimensões do homem, nomeadamente a sua dignidade, que para alguns teólogos será a ponto de partida para se poder pensar o homem na sua totalidade. O modo como nos vemos define como vivemos e como tratamos os nossos próximos, por isso, não é com ingenuidade que esta reflexão é feita, mas com os pés assentes na terra. Contudo, não se fecha ao futuro, mas, procura caminhos que abram horizontes, onde homem viverá em pleno a sua dignidade. A presente obra de Moltmann marca exactamente esta busca, o homem que possui uma dignidade que infelizmente nem sempre é respeitada e necessita encontrar caminhos de esperança para o seu futuro.

O Concílio afirma na Constituição Dogmática “Lumen Gentium” que Cristo é a luz dos povos⁹, pela sua ressurreição e com o envio dos apóstolos, Cristo constitui a Igreja como seu corpo, que alcançará a sua glória nos fins dos tempos. Até chegar o

⁸ PIERRARD, Pierre, *História da Igreja Católica*, p. 317

⁹ Cf. LG nº1

tempo da restauração de todas as coisas, em que tudo será submetido aos pés de Cristo, a Igreja é peregrina e embora possua uma santidade verdadeira, esta ainda é imperfeita.¹⁰ Este dinamismo lança o homem à busca da Cidade futura, que embora seja alcançada pela santidade, cada homem é chamado a encontrar, segundo a sua condição própria, um caminho que o leve à união perfeita com Cristo.¹¹ Independentemente do caminho, a comunhão com os irmãos é fundamental para que haja uma comunhão com Cristo, assim, a fé e a esperança não deixam o homem imobilizado à espera de um futuro incerto, que só Deus sabe quando virá, mas convida o homem a tomar uma atitude de vigilância, a viver uma espiritualidade viva, marcada pela oração e pela atenção dos sentidos.¹²

A *Gaudium et Spes* afirma que o fundamento da relação entre a Igreja e o mundo é a dignidade da pessoa humana, a comunidade dos homens e o sentido profundo da actividade humana.¹³ A constituição dogmática começa por afirmar que os discípulos de Cristo comungam com o mundo, nas suas alegrias e esperanças, nas suas tristezas e angustias. O homem criado à imagem de Deus é a fonte da sua dignidade. O homem recorrendo à sabedoria “atrai com suavidade a inteligência humana à investigação e ao amor da verdade e do bem; impregnado dela, o homem é conduzido pelas coisas visíveis para a invisíveis”¹⁴.

Todos estes factores são os bastidores nos quais a Obra “La Dignidad Humana” foi elaborada, Moltmann encontrou a fé nos acontecimentos da sua vida, e nesta obra

¹⁰ Cfr. *Ibid.* nº48

¹¹ Cfr. *Ibid.* nº50

¹² Cfr. PINHO, Arnaldo, *Entrevista Jürgen Moltmann*, p.47

¹³ GS nº40

¹⁴ *Ibid.* nº15

apresenta uma leitura da história do homem sublinhando o valor da dignidade da pessoa humana, sob a perspectiva da esperança cristã, por isso é fundamental ter conta as influências que marcaram o seu pensamento e a sua obra.

A carreira de Moltmann é extensa, estende-se até aos nossos dias, é bastante rica em pensamento e em obras. A primeira fase, onde se insere a obra “La Dignidad Humana”, é marcada mais concretamente pela teologia da esperança, uma leitura da história assente na promessa e na esperança inaugurada na cruz de Cristo e entreaberta na Sua ressurreição¹⁵. A segunda fase é mais marcada pelo desenvolvimento dos “conceitos de natureza e de experiência em forma sobretudo de contributos teológicos, mas que ele mesmo entende como a grande fase da produção teológica sistemática”¹⁶.

A dignidade humana é um tema que em Moltmann assumiu um papel muito importante, a sua história leva-o a pensar, reflectir sobre quem é homem, nesta caminhada que faz encontra a História de um povo que caminha com Deus, de Deus que caminha na história do homem. Este é um ponto importante, pois para Moltmann a teologia é fruto da experiência, que ela seja individual ou colectiva, de Deus.¹⁷ A teologia surge como a reflexão sobre a presença de Deus na história do homem, pensar no homem é também pensar em Deus, e vice-versa. O homem é digno porque foi criado à imagem de Deus.

¹⁵ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Notas Biográficas e Teológicas sobre Jürgen Moltmann*, p.55

¹⁶ *Ibid.* p. 57

¹⁷ Cfr. MOLTSMANN, Jürgen, *Biografia e Teologia – Itinerari di Teologi*, Editrice Queriniana, Brescia, 1998, p. 28

1.1. Primeiros esclarecimentos

A obra de Moltmann, “La Dignidad Humana”, fala da dignidade do homem e analisa-a sobre uma perspectiva cristã.

Primeiro é desenvolvido a temática da pessoa humana e da sua dignidade, alicerçando-a na fé cristã, demonstra que a dignidade humana encontra a sua raiz, no relato do Génesis, o homem criado à imagem de Deus. A dignidade do homem está ligada aos direitos, estes não são apenas individuais mas também sociais. Os dois temas finais são: a liberdade e a sua opressão; Deus e a liberdade.

A dignidade do homem está ligada aos seus direitos, por isso a dignidade possui três dimensões: a pessoal, a social e a jurídica. A dimensão jurídica está ligada ao papel que o estado tem em defender os direitos do homem.

A esperança é apresentada como sendo um convite ao homem a não se resignar, a lutar contra a crueldade, indiferença e desumanidade. É um convite a termos esperança em nós mesmos e na humanidade, humanidade esta que não fica no abstracto, mas concretiza-se no rosto do meu próximo.¹⁸

Moltmann demonstra que a dignidade alcança o seu horizonte máximo dentro do cristianismo. O modo simples como o homem moderno define a sua liberdade, de tudo e de todos, inclusivamente de Deus, não lhe facilitou em nada, porque ao perder a noção de relação perdeu-se o sentido da liberdade para o agir.

O convite da lutar pela dignidade da pessoa humana, feita pela fé cristã, parte da relação, primeiro da relação de Deus com o homem, e consequentemente da relação

¹⁸ MOLTSMANN, Jürgen, *La Dignidad humana*, p.9

entre os homens, por este motivo a liberdade não é tida como a liberdade de, mas como liberdade para.

1.2. Elementos integrantes da Dignidade Humana

O termo dignidade advém da palavra latina “dignus” que significa aquele que merece estima e honra, aquele que é importante¹⁹, embora no passado, mais concretamente no Renascimento, a dignidade era vista como algo que o homem adquiria e que poderia perder, face à vicissitudes da vida, hoje porem, num contexto jurídico ou ético a dignidade é tida como inerente ao homem, isto é, independente da sua situação presente, por ser vista como inerente ao homem esta é tida por todos os homens por igual²⁰.

A dignidade do homem é inviolável, um princípio e um direito que é promovido e defendido na Declaração Universal dos Direitos do Homem, no entanto nem sempre é respeitado. Ainda hoje, há homens que vivem em condições que são indignas de um ser humano.

A antropologia reflecte sobre o homem e a sua condição, ao fazê-lo encontra o sentido da sua dignidade. Moltmann analisou este tema na sua obra “O Homem – Mistério a desvendar”, na questão “o que é o homem”²¹ analisa a antropologia nos seus diferentes níveis: biológica, cultural, religiosa e cristã. As diferentes perspectivas são diferentes níveis da mesma questão, começando pelo nível

¹⁹ Cf. <http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1467>

²⁰ ROTTER, Hans - VIRT, Günter, *Nuevo Diccionario de Moral Cristiana*, Editorial Herder, Barcelona, 1993, p. 146

²¹ Título do primeiro capítulo da obra “O Homem: Mistério a Desvendar – Ensaio de Antropologia” de Moltmann

biológico, o nível mais básico, o homem começa a conhecer quem é, no entanto não deve ficar por este patamar, o homem não existe como um simples animal, preso à sua herança genética, é também capaz de construir relações com os seus próximos, e assim elevar-se das restantes espécies, a cultura é fruto das diversas interações dos homens entre si, no entanto, também não somos chamados a ficar por aqui, o homem na busca de si mesmo encontra no horizonte o transcendente, permite-lhe conhecer e experimentar o que há no mais profundo de si mesmo. A antropologia religiosa ganha um novo sentido quando introduz-se no cristianismo, é em Cristo que podemos responder ‘quem é o homem’, Ele é a ponte entre Deus homem, a expressão máxima de Deus que acompanha o homem e o acolhe em toda a sua miséria. Em Cristo toda a humanidade é reunida e redimida.

A Bíblia e a Dignidade Humana

Moltmann fala da dignidade humana na perspectiva da esperança, pois só quem tem esperança no homem e na sua humanidade, mesmo perante os atropelos e abusos que são cometidos, pode recordar o que significa viver e lutar pela dignidade humana.²²

O princípio fundamental é de que o homem encontra a sua dignidade como pessoa face a Deus e ao mundo, uma dignidade que é intocável e sagrada. É ao afirmarmos que Deus criou o homem e a mulher, que encontramos o sentido mais profundo da dignidade do homem, porque temos todos a mesma origem, também a dignidade é igual para todos.

²² MOLTSMANN, Jürgen, *La Dignidad humana*, p.9

A perspectiva cristã da dignidade da pessoa humana funda-se no momento da criação, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, este princípio é tanto a origem com a meta para a pessoa. O homem é imagem de Deus, é este facto que torna o homem digno e por isso este é o fundamento da dignidade do homem e a raiz dos direitos dos homens.

A semelhança com Deus oferece uma meta na reflexão sobre a dignidade do homem. O homem é chamado procurar Deus, a sua origem e fundamento de existência, esta afirmação leva-o a percorrer um caminho que o leva a ver que “a criação, a libertação na história e, finalmente, a redenção da história servem todas elas este único objectivo, a saber, que o homem chegue a uma correspondência com Deus, pois esta correspondência é a verdade do homem.”²³.

A semelhança do homem com Deus não se reduz à sua alma ou ao seu coração, mas abraça o homem no seu todo, como pessoa. Afirmar que o homem é pessoa perante Deus também significa que o homem não só o resultado das suas relações sociais. O homem, imagem de Deus, recebe do seu criador uma dignidade que lhe confere uma unidade, por isso distinto de Deus é em si um mistério. “O tu de Deus, converte-se num eu de ilimitada profundidade. No eu de Deus, em um tu de ilimitada amplitude. Por isso o homem é um mistério.”²⁴

A dignidade do homem concretiza-se em comunidade, com os demais irmãos. O homem enquanto pessoa e enquanto pertencente a uma comunidade são dimensões que não se contrapõem nem se excluem, pelo contrário, são complementares. Cuidar

²³ *Ibid.*, p.18

²⁴ *Ibid.*, p.19

dos direitos da pessoa é também cuidar dos direitos da comunidade, por isso, a liberdade do ser humano tem de estar ao lado da fraternidade.

A comunhão do homem é também fundada na revelação de Deus trino, que também se revela como modelo e fundamento da sociedade. Os direitos individuais e os direitos sociais ganham uma complementaridade, os direitos da pessoa apenas podem ser vividos numa sociedade justa e os direitos da sociedade só podem existir se os direitos da pessoa estiverem assegurados.

A sociedade no rosto do governo tem a missão de assegurar os direitos das pessoas, e as pessoas por sua vez, tem a missão de dar o seu contributo à sociedade.

A oposição à tirania é um direito cristão que deve ser exercido face a três factores: um governo que quebre as suas próprias leis, um governo que promulgue leis que vão contra a lei fundamental e contra a constituição e um governo que sectorize algum grupo (racial, social, económico) negando que a dignidade da pessoa é universal.²⁵

Ao se fundamentar a dignidade do homem na imagem e semelhança com Deus, não só se lança os alicerces para a dignidade da pessoa como para a dignidade da comunidade, também é lançado o fundamento para a dignidade da criação. No relato da criação vemos que não é só o homem que é uma bênção, mas toda a criação. O homem não é apenas mais um adorno na criação, mas tem um papel importante a assumir no mundo, a sua tarefa face ao mundo é “para o cultivar e, também, para o

²⁵ Cf. *Ibid.*, p.21

guardar” (Gn 2, 15). Neste sentido o domínio do homem é compreendido na cooperação e comunhão com o mundo natural circundante.²⁶

O homem nas suas relações, com a comunidade e com a criação, possui o direito de determinar o seu futuro e tem responsabilidade perante as gerações vindouras. Este direito, no entanto, não pode ser visto como absoluto, mas tem de ter um equilíbrio com o presente, não podemos sacrificar um em nome do outro.

Segundo a teologia cristã, a transgressão do homem significa o pecado, o mau uso dos direitos do homem, no entanto esta transgressão não destrói o projecto de Deus. A busca pelo poder e o desejo de ser como Deus leva o homem a ver Deus como um juiz, o outro como um inimigo e a natureza como algo estranho.²⁷

A perspectiva cristã é, no entanto, positiva, porque o desejo de Deus é que o homem viva. Perante o mal que pode existir no coração do homem, Deus deseja que este se converta e volte a caminhar nos caminhos de justiça e viva em pleno a sua dignidade.

O desejo de Deus em que o homem se converta, corresponde à ânsia que o homem se torne humano, levando o homem a estimar a sua dignidade humana, que por sua vez se traduz no exercício dos direitos humanos e na construção de uma sociedade humana.

²⁶ Cf. *Ibid.*, p.24

²⁷ Cf. *Ibid.*, p.28

O cristão é chamado a partilhar a sua fé, a partilhar a visão da fé cristã acerca da dignidade humana e os seus direitos, porque a fé cristã tem um contributo a dar para a humanização do mundo.²⁸

“Os vários direitos humanos fundam-se todos na única dignidade do homem”²⁹, assim a base do direito é a dignidade, que, de acordo com a fé cristã, se baseia em o homem ser a imagem de Deus. Porque a dignidade do homem é singular, os direitos são vistos como um todo, por isso só com um equilíbrio entre dignidade e direitos se alcança o respeito pela integridade do homem. Neste sentido compreendemos que os direitos requerem deveres, porque o absolutismo do direito cria apenas privilégios e o absolutismo do dever apenas cria exigências vazias.

A fé cristã afirma que Deus é a origem e a meta do homem e por isso o homem alcança a paz na sua relação com Deus. Esta relação não é só do homem como individuo, mas também como humanidade. O homem que cai na tentação comete actos inumanos, no entanto Deus acompanha o homem e através de Jesus Cristo, que justifica o homem e renovando-o encaminha-o a uma verdadeira humanidade. A reconciliação é alcançada mediante as virtudes teologais. “A fé distingue a pessoa humana do pecado inumano. O amor assume a pessoa e perdoa os pecados. A esperança reconhece o futuro humano da pessoa e dá começo à sua nova vida”³⁰

A reconciliação desejada por Deus deve ser a missão que o cristão realiza, isto é, o trabalho pela reconciliação e defesa dos direitos universais dos homens na luta contra a opressão.

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 17

²⁹ *Ibid.*, p. 17

³⁰ *Ibid.*, p. 29

A esperança é uma virtude fundamental, pois é nela que se encontra o caminho que leva o homem à liberdade e à sua verdadeira dignidade.

Alguns dados históricos sobre a Dignidade Humana

Ao longo dos séculos o conceito da dignidade humana evolui com o homem, cada geração teve figuras ilustres que lutaram pela dignidade dos seus irmãos. Foram subindo a fasquia do que era entendido por pessoa e por dignidade, universalizando sempre mais estes conceitos, até chegar ao cume, ao afirmar que todo o homem e mulher desde do momento que nascem são iguais em dignidade e em direito, abolindo assim as separações que eram feitas entre homens³¹.

A reflexão sobre a dignidade humana foi sendo aprofundada ao longo da história, a Declaração Universal dos Direitos do Homem é um marco importante nesta caminhada, pois é o culminar da consciência da dignidade que nasce em cada homem, dignidade essa que deve ser defendida, valorizada e promovida, o primeiro artigo demonstra isso mesmo ao afirmar que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”³².

É da dignidade da pessoa que podemos estruturar um sistema de valores humanos. Deus criou homem e mulher, assim “o homem que corresponde a Deus é um homem social, não cada indivíduo por si”³³. Da dimensão social da dignidade da

³¹ Declaração dos Direitos Universais do Homem art. 1º e 2º

³² *Ibid.* art. 1º

³³ MOLTSMANN, Jürgen, *La Dignidad humana*, p.22

pessoa humana é que podemos compreender o valor da liberdade, da igualdade, da fraternidade, da irmandade e da humanidade.

Uma breve análise história mostra uma crescente sensibilidade para a exigência que existe na defesa da dignidade da pessoa. Moltmann começa esta análise histórica citando o “Espelho dos Saxões”, obra medieval de direito regional, que afirma o homem criado por Deus foi redimido e que por isso não há nada que justifique que um homem seja propriedade de outro. A história política na idade moderna fica marcada com as revoluções: a puritana em Inglaterra, a americana e a francesa. Em todas elas há uma separação de poderes que levou “a demonstrar a estima pela pessoa, pela dignidade e mistério do homem no campo político”³⁴.

Na afirmação que o homem possui uma dignidade que nasce como ele deve leva-lo a opor-se a tudo que vá contra esta, por isso também esta consequência tem uma origem cristã. A profissão escocesa de 1580 faz uma referência directa ao mandamento do próximo ao afirmar que devemos defender a vida dos inocentes, opor-se à tirania e libertar os oprimidos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 marcou um ponto importante no que entendemos por direitos humanos, uma vez que possibilitou que se atingisse uma consciência colectiva sobre o que são os direitos inatos às pessoas. Na vida quotidiana nasce assim uma consciência clara de quando estes direitos são ou

³⁴ *Ibid.*, p.20

não são respeitados. “A Declaração dos Direitos Humanos intensifica a consciência os homens e priva a crueldade de qualquer legitimação.”³⁵

A discussão dos Pactos Internacionais de 1966 tornou claros que a luta pelo direito do homem ainda não está concluída, pois uma ideologia pode justificar as acções que abusam dos direitos de alguns homens. Nesta situação estamos perante um abuso que nasce da divisão do todo em partes e depois apenas se confere direitos a uma parte, como se tratasse do todo, como acontece no egoísmo dos direitos individuais, na arrogância nacional e no imperialismo da humanidade contra a natureza e o absolutismo da geração presente face às gerações futuras.

Kant, na sua obra “Crítica da Razão Prática”, deu um contributo importante na compreensão da dignidade, pois ao formular o imperativo categórico e as fórmulas da lei moral mostra que o homem tem dignidade e que por isso não tem preço. O que tem preço pode ser trocado por outra coisa do mesmo valor, no entanto, o que não pode ser trocado tem dignidade. Por isso, a dignidade do homem não pode ser transferido por nada. A dignidade do homem é um fim em si mesmo, e por isso não pode ser usada como um meio. A dignidade humana é um valor intrínseco a homem, que não pode ser alienado.

Declarar os direitos do homem é sublinhar que a humanidade no seu todo, não só os homens mas também as mulheres, não só os adultos mas também as crianças e os idosos, não só uma raça mas de todas, ainda não vive dignamente, por isso, há que criar uma estrutura orgânica que ajude a alcançar esta meta, e que proteja a dignidade da pessoa.

³⁵ *Ibid.*, p.27

O socialismo internacional, segundo a perspectiva de Moltmann, nasce do reconhecimento dos direitos humanos em relação ao proletariado, aos povos oprimidos e às mulheres. A liberdade requer uma igualdade que se traduz em aspectos práticos da vida do homem, a justiça social, como sendo o direito ao trabalho, à segurança social e à formação ou educação. É deste princípio que se analisa que os direitos não podem visto apenas como direitos individuais, mas também como direitos sociais.

Moltmann aponta que estes direitos ainda que individuais, dizem respeito a toda humanidade, é neste sentido, que podemos compreender que os direitos trazem sempre deveres, pois os direitos sem deveres convertem-se em privilégios e os deveres sem direitos são apenas exigências vazias.³⁶

“Um homem, cuja dignidade seja desprezada, vê-se destruído na sua existência.”³⁷ A defesa da dignidade do homem está ligada à defesa dos direitos humanos, o homem que luta pelos direitos acaba por lutar pelos direitos de todos os homens. A dimensão pessoal dos direitos não se consegue dissociar da dimensão social e comunitária. O estado assume um papel fundamental na defesa dos direitos individuais e sociais do homem.

O homem tem o dever de defender os seus direitos, por si e pela humanidade. Esta missão poderá leva-lo a questionar o estado se este não defender os direitos humanos, quer seja através de leis injustas, não cumprindo as leis existentes ou

³⁶ *Ibid.*, p.18

³⁷ *Ibid.*, p.13

criando sistemas de governo que se opõem à verdadeira democracia. “A oposição é um direito humano e um dever cristão”³⁸.

A Dignidade Humana na actualidade

A dignidade do homem pode ser analisada em duas perspectivas: uma externa e outra interna. Enquanto a perspectiva externa refere ao aspecto social da honra, a dignidade reflecte a posição de destaque face ao resto do grupo, por isso está ligada ao conceito de autoridade, de obrigação e de obediência. A perspectiva interna reporta-se à importância inerente ao homem, assim é uma qualidade que pertence a todos os homens por igual, por isso hoje o termo é mais usado no contexto jurídico e ético.³⁹

A perspectiva de Moltmann baseia-se numa reflexão da dignidade a nível interno, pois esta não é dada por nenhum homem, nem exige que o homem realize alguma tarefa para a merecer, nasce com cada um de nós. A tarefa que cada um de nós tem em mãos é de defender e promover a dignidade, a nível pessoal e também a nível comunitário.

Segundo Moltmann há três grandes fenómenos de opressão: o racismo, o sexismo e o capitalismo. Qualquer uma destas formas de opressão leva a exclusão de uma parte da humanidade, roubando-lhe os seus direitos mais fundamentais.

O racismo reduz o homem à sua etnia, sob um pretexto de natureza biológica o homem é reduzido apenas a um grupo, no qual se verifica a existência da verdadeira

³⁸ *Ibid.*, p.21

³⁹ Cf. ROTTER - Hans, VIRT, Günter, *Nuevo Diccionario de Moral Cristiana*, p. 146

dignidade, os demais grupos são vistos como sendo homens inferiores. A redução da identidade do homem à sua etnia é assim uma identidade que se funda de um modo negativo e agressivo, porque rejeita a diversidade, cria divisões em formas de castas e cria ciclos de violência e opressão. Moltmann ao analisar esta forma de opressão aponta dois aspectos: um interno e outro externo. O aspecto interno é o “mecanismo psíquico de autojustificação”⁴⁰ que o define como superior aos demais, o aspecto exterior é o “mecanismo ideológico de subjugação dos outros homens”⁴¹ que permite que pratique actos de discriminação face aos que pertencem a uma determinada etnia.

A superação desta visão apenas pode ser alcançada com a construção de uma identidade positiva do homem, que promova a sua universalidade face às características secundárias, como é a etnia, e que defenda uma distribuição de poder entre todos os homens.

O sexismo é uma forma de opressão na qual o homem se sente superior à mulher, reflecte por isso um orgulho masculino. A história é vista sob a perspectiva patriarcal, o homem define-se como superior e mais forte face à mulher. Nesta óptica é visto como pejorativo o homem que apresenta alguma característica mais efeminizada, assim a definição de homem e de mulher é construída pela negativa, nem o homem é como a mulher e nem a mulher é como o homem. O problema em definir o homem desta forma é que vê apenas características secundárias e

⁴⁰ MOLTSMANN, Jürgen, *La Dignidad humana*, Ediciones Sígueme, 1979, p.55

⁴¹ *Ibid.*, p.55

absolutiza-as, pois leva ao extremo a distinção que podemos fazer entre homem e mulher, levando a um empobrecimento do modo como vemos ambos.

O sexismo possui, tal como o racismo, dois aspectos, um interno e outro externo. O aspecto interno é “o mecanismo anímico de autojustificação”⁴² que o leva o homem a ver as suas características como sendo as características que define o que é ser pessoa e o aspecto externo é “o mecanismo ideológico de submissão e utilização do outro sexo”⁴³ em que permite o homem a exercer de forma violenta a sua suposta superioridade face à mulher.

Superar esta forma de opressão passa por revisitar o texto do Génesis, em que afirma que o homem e a mulher foram criados à imagem de Deus (cf. Gn 1, 27), justificando assim a igual dignidade entre homem e mulher. Esta forma de ver o homem e a mulher trarão uma distribuição de poder entre ambos, no plano de oportunidades e de realizações pessoais na comunidade.

O capitalismo é a forma de opressão mais complexa, porque não se define em características secundárias como a etnia ou o sexo. O capitalismo reduz o homem ao que ele é capaz de produzir, relegando o que ele é para um plano secundário. A dignidade torna-se sinónimo de rendimento, “o homem é o que rende”⁴⁴. O trabalho e o capital são apresentados como sendo o expoente máximo do homem, contudo a riqueza é apenas vista como potência, isto é, vale apenas enquanto acumulação de bens, no entanto esta visão da riqueza também aprisiona o homem, criando assim situações hostis entre homens e uma economia de angústia.

⁴² *Ibid.*, p. 57

⁴³ *Ibid.*, p. 57

⁴⁴ *Ibid.*, p. 59

O capitalismo possui uma “natureza imperialista”⁴⁵, porque supera a raça, o sexo, a idade e as crenças e é capaz de escravizar qualquer homem. Esta forma de opressão representa a busca incessante do homem pelo poder, que como consequência não só põe em causa a sua dignidade, mas também a sustentabilidade do planeta, porque explora desmesuradamente os seus recursos naturais.

A superação do capitalismo não é fácil nem simples. Ao contrário do que Moltmann escreveu sobre as duas formas de opressão anteriores, o racismo e o sexismo, não é apontado uma solução para desta forma de opressão. No entanto, ainda que não tenha sido apontada de forma directa, na reflexão que é feita sobre o capitalismo podemos extrair alguns indícios de como superara-lo. O homem consegue superar a tentação do capitalismo se se recordar que é imagem de Deus, a sua dignidade está fundada no ser e não no ter, o homem precisa também de reavaliar a sua ética de produção e à sua aspiração ao poder. Formular uma identidade positiva do homem, que valoriza o que o ser pessoa e reconhecer o homem nas suas diferentes dimensões, não só como um potencial, que acumule o que faz, mas é capaz de render os seus dons em prol da humanidade e do bem comum.

Dignificar o homem significa elevar a humanidade ao seu verdadeiro esplendor, imagem de Deus. O crescimento e desenvolvimento do homem estão ligados profundamente aos direitos universais do homem.

A dignidade do homem é social, é construída e aprofundada na relação que o homem mantém com o seu próximo. Quando a sociedade muda a visão que tem do homem, altera o modo como vê a dignidade da pessoa.

⁴⁵ *Ibid.*, p.60

A sociedade do consumo e da produção reduz a pessoa ao aspecto industrial e utilitário, desvalorizando todos os que não produzem, as crianças, os idosos, os doentes.

Toda a instituição que tenha o desejo de respeitar e promover a dignidade do homem, terá de o ver como pessoa, mistério e como sacramento. Ver o homem como um meio e não como um fim em si, fará com que a instituição perca a sua legitimidade e que pratique acções que vão contra o que se propuseram a ser.

A Dignidade Humana e a liberdade

Existe uma ligação entre a dignidade do homem e a sua liberdade, tudo aquele que é livre vive a sua dignidade, o contrário também pode ser dito.

O homem é chamado a ser livre e a lutar contra todas as formas de opressão, a lei do amor é o fundamento que lança o homem na luta pela defesa da sua dignidade e a dos seus irmãos. Como mencionei anteriormente, homem ao viver a sua dignidade é chamado a garantir que todos os outros tenham o direito de viver a sua dignidade, é portanto, não só uma questão pessoal mas também social.

Moltmann, na sua reflexão, aponta três formas de opressão como sendo o rosto de todas as formas de oprimir: o racismo, o sexismo e o capitalismo. Cada uma delas priva o homem da sua dignidade, no entanto, não é só a dignidade de quem é oprimido que fica desmoronada, mas também a do opressor. “O opressor torna-se

inumano, o oprimido torna-se desumano”⁴⁶, a primeira é causada pelo mal e a segunda é causada pelo sofrimento.

Estas três formas de opressão representam em si três aspectos centrais na caracterização do homem, por isso mostram três formas de reduzir a pessoa: a raça, o sexo e visão do homem como meio para um fim. Existem outras formas de opressão, mas de uma forma ou de outra podemos encontrar nelas pontos de intercepção com estas três.

A opressão tem duas faces, a do opressor e a do oprimido, desejar libertar o homem da opressão, significa ter em contas ambos os lados, caso contrário não estaremos a quebrar os ciclos que geram opressão. O acto de libertar consiste em mostrar o rosto humano ao homem, para nele seja possível abrir caminho rumo à comunidade e dar esperança de uma existência mais humana.

A teologia da libertação, porque apenas focou a dignidade dos oprimidos, ficou incompleta, reconhecemos a importância de proteger todos aqueles que são oprimidos, mas, tal como afirma Moltmann, não é adereçada o problema do mal nem é tratada a questão da culpa e da reconciliação.⁴⁷ No entanto, é fácil de compreender porque é mais fácil lutar pelos oprimidos, do que tentar libertar os opressores dos seus esquemas. Todo aquele que está oprimido deseja senão a sua liberdade e ver restituída a sua dignidade, ao passo que o opressor já criou auto-justificações para as suas acções, por isso muitas das vezes age com a firme convicção de que o que faz está certo, não só é justo como também é para o bem de todos. Não há tarefa mais

⁴⁶ *Ibid.*, p.52

⁴⁷ *Ibid.*, p.52

difícil que tentar libertar o homem de si mesmo, dos esquemas que não humanizam mas oprimem os outros, que o impedem de abraçar o que significa verdadeiramente ser pessoa.

Uma vez que a opressão tem duas faces e precisamos de ver ambos os lados, opressor e oprimido, precisamos também de analisar a opressão sob dois aspectos importantes, referentes ao acto de oprimir, o que se refere ao que motiva a opressão e os caminhos que devemos construir para os abolir.

O homem, no seu orgulho, pode ver a raiz da sua dignidade no facto de pertencer a um determinado grupo, deixando para segundo plano o que não pertencem ao esse grupo, assim, o racismo é o orgulho que uma raça é superior à outra, o sexismo o orgulho que um sexo é melhor que o outro e o capitalismo o orgulho de que quem produz é que tem valor. Destas três formas a mais difícil de lutar é o capitalismo, porque deixa de lado as características exteriores do homem, raça e sexo, para atingir homens e mulheres de todas as raças.

No que diz respeito à atitude do opressor, cada forma de opressão tem dois aspectos a considerar: uma interior e outra exterior. O aspecto interior são as formas de auto-justificação que o homem encontra para perpétua os seus esquemas e valoriza-los. O aspecto exterior são os mecanismos ideológicos que servem para validar o abuso e manipulação das outras pessoas.

O capitalismo é uma forma subtil de opressão, da importância do trabalho nasce o individualismo possessivo, onde o homem passa a valer pelo que rende, pelo que produz. Nesta perspectiva, toda a pessoa que não rende não tem valor. O capitalismo

além disso fecha a riqueza com sendo um vida em potência, para ter um valor próprio, o que sua vez também gera a distinção de grupos na sociedade em base da riqueza que possuem, uma nova forma de feudalismo e castas, que gera profundas desigualdades entre os homens.

A luta contra estas formas de opressão passa por dois aspectos: por um lado a construção da identidade do homem de uma forma não agressiva e por outro lado a distribuição do poder de um modo justo, de modo a permitir que todos possam viver em igualdade a sua dignidade.

A teologia cristã vê no pecado original a raiz de todas as opressões da pessoa, “este pecado original é de natureza transmoral, pois afecta o ser do homem, a sua vitalidade, a sua energia psíquica, a sua vida elementar: a ele mesmo”⁴⁸.

A doutrina cristã sobre o pecado original tem quatro dimensões que não podem ser esquecidas, como recorda Moltmann: o homem é pecador; o pecado é uma perda do domínio da vontade e não uma falta moral; todos os homens partilham deste fracasso; este não é o nosso destino. É neste contexto que o pecado é visto como um amor fracassado em relação a Deus. O homem criado por Deus encontra a sua felicidade no seu criador, por isso a infelicidade nasce quando o homem se distancia d’Ele.

O pecado gera opressão, como mencionado acima, que não só rouba a dignidade de quem é oprimido, mas também de quem oprime. Restituir a dignidade de ambas

⁴⁸ *Ibid.*, p.62

as partes é aproximar o homem da felicidade e liberta-lo das forças que limitavam a sua vontade.

Este acto libertador encontra em Cristo o seu expoente máximo, a humanidade é renovada através do seu sofrimento e morte.

“A humanização dos opressores realiza-se mediante a fé”.⁴⁹ Mediante a fé, o opressor descobre no seu rosto, o rosto de Cristo, que por amor deu a sua vida e que deste modo comunicou gratuitamente a todos a justiça, também aos homens injustos. Na cruz de Cristo o racismo, o sexismo e o capitalismo são vencidos.

A opressão do homem, segundo a perspectiva de Moltmann, é analisada sempre em pontos que se juntam aos pares, que não se opõem um ao outro, mas que se completam: o opressor e o oprimido; as motivações do opressor, as internas e as externas; e a solução na construção de uma identidade positiva e pacífica e na partilha de poder. A solução apresentada por Moltmann passa por libertar ambas as partes, libertar o oprimido que viu a sua dignidade a lhe ser tirada e anseia por vê-la restituída e a do opressor que ficou vítima dos seus próprios esquemas e auto-justificações. A forma mais eficaz passa por os oprimidos que foram libertados e os opressores que foram libertados trabalharem juntos, porque o objectivo é por fim a um esquema injusto, e por isso mesmo, devemos confirmar quais são os limites do nosso alcance.

Libertar o homem para a comunhão é melhor que o sonho de uma sociedade sem classes.

⁴⁹ *Ibid.*, p.64

A fé cristã aponta caminhos no reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Os direitos tornam-se efectivos quando o homem injusto é justificado e se dá uma renovação da sua humanidade. Deus justifica o homem injusto através de Jesus Cristo, que não só o renova como também o conduz a uma verdadeira humanidade, “pois foi Deus quem reconciliou o mundo consigo, em Cristo, não imputando aos homens os seus pecados, e pondo em nós a palavra da reconciliação” (2 Cor 5, 19).

A reconciliação é o caminho que o homem deve percorrer, para restaurar a dignidade tanto de quem foi oprimido, como também de quem oprimiu. Esta realidade é possível mediante as virtudes teologais: fé, esperança e caridade. “A fé distingue a pessoa humana do pecado inumano. O amor (caridade) assume a pessoa e perdoa os pecados. A esperança reconhece o futuro humano da pessoa e dá início à sua nova vida”.⁵⁰

O cristianismo tem a missão de anunciar ao mundo a força libertadora e reconciliadora de Cristo, que apresenta o homem como sendo imagem de Deus e deita por terra as categorias que servem para desumanizar o homem: a raça, o género, a classe social e económica.

O último capítulo da obra é dedicado à reflexão sobre o conceito de liberdade, para isso a expressão “Deus e a liberdade”⁵¹ dá início a este segmento. Moltmann aponta que não concorda com a expressão. Não é só a questão da liberdade, mas também como o homem vê o papel da autoridade na sua vida.

⁵⁰ *Ibid.*, p.29

⁵¹ *Ibid.*, p.68

O homem crente reconhece a autoridade de Deus, por isso também reconhece a autoridade da família, da Igreja e do estado. O homem ateu vê no seu horizonte o cidadão adulto e o homem livre, chegando mesmo a ter semelhanças com o mito do Prometeu, a luta contra os deuses para conquistar a liberdade do homem. O ateísmo propõe uma frase diferente “Deus ou a liberdade”.

No séc. XIX, muitos dos que lutaram pela liberdade viram no cristianismo a “religião da liberdade”, que brotava da fé e se concretizava numa comunidade de homens sem privilégios, que por sua vez os fazia apontar para um “reino de liberdade”.⁵²

Face a estas considerações Moltmann aponta que o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob é um Deus que não se fez valer das suas honras e em vez de ficar do lado dos grandes povos, das potências colonizadoras da época, o povo que foi eleito era constituído por escravos. A experiência do Êxodo revela Deus como sendo libertador. E este mesmo Deus, o Pai de Jesus Cristo, que o envia para libertar o homem.

A experiência do Antigo Testamento, no Êxodo, é renovada no Novo Testamento com a morte e ressurreição de Jesus. A primeira aliança nasce do fim de uma escravatura para a entrada na terra prometida, a segunda é a ressurreição que abre o reino da eterna liberdade. O poder de Deus é vivificante, pois dá a verdadeira vida.⁵³

⁵² Cf. *Ibid.*, p.69

⁵³ Cf. *Ibid.*, p.71

A verdadeira experiência de fé não vê em Deus um opositor à liberdade do homem, mas a sua verdadeira fonte, assim, a fé libertada supera o temor e a angústia.

A fé é muitas vezes vista como um abandono, um assentimento ou obediência cega, mas a fé que parte de uma experiência pessoal de libertação, encontra nesta experiência uma vida nova que não só renova a vida, mas vence o mundo, esta experiência é tão vital e revolucionária que abre ao homem horizontes e lança-o no caminho para a vida plena. Foi para a liberdade que Cristo nos libertou (cf. Gal 5, 1).

Uma análise histórica à palavra liberdade revela factos interessantes. Os gregos viram a liberdade como sendo a ordenação do individuo para a polis. A modernidade viu a liberdade como independência, como um domínio. A fé cristã não vê a liberdade como inteligência ou como independência, mas vê-a como a confiança que nasce da experiência do Êxodo e da ressurreição de Jesus Cristo. Esta confiança abre a pessoa para a esperança, Deus caminha com o seu povo e orienta-o para uma vida nova e plena.

“A libertação é a experiência e a tarefa permanente do verdadeiro e autêntico cristão”⁵⁴. Esta afirmação conduz a reflexão ao que é central nesta questão, a liberdade está ligada à experiência de libertação, experiência que é profunda e rica, por isso quem a experimenta não permanece o mesmo, é introduzido no novo dinamismo, que leva a pessoa a sair de si e a partilhar com os outros o dom recebido.

A liberdade é vista como comunhão, esta postura revela o desejo que o homem livre tem para os seus irmãos. Esta liberdade brota do amor, que eleva o homem na

⁵⁴ *Ibid.*, p.73

sua dignidade e faz com que ele partilhe a sua amizade, alegria, hospitalidade. É este amor que é capaz de sarar feridas e restabelecer elos de amor e fraternidade entre os homens. É também este amor que supera as divisões das categorias humanas: raça, sexo, idade.

Como Moltmann aponta, a história acabou por acentuar mais a angústia que a esperança. A morte traz angústia ao homem e “a morte tem muitos rostos”⁵⁵, não é só da morte física que ameaça o homem, é o isolamento deste e o fim das suas relações com os outros.

A esperança lança uma luz sobre o medo da morte, a liberdade é vista numa outra perspectiva, já não é a “liberdade de...” mas a “liberdade para...”, que lança o homem para o futuro e para uma vida em cheio.

A expressão “Deus e a liberdade” que deu início à reflexão sobre a liberdade como forma de a pessoa poder viver a sua dignidade é concluída com a expressão que Deus é a nossa liberdade. O mais importante, para crentes e ateus, é a luta que é feita em prol da vida, porque falar de liberdade é falar de libertação, tanto do domínio como da indiferença.

⁵⁵ *Ibid.*, p.78

1.3. A Dignidade Humana: um tema para o Séc. XXI?

Na obra “La Dignidad Humana” Moltmann reflecte como a visão cristã do homem marca o modo ele é chamado a viver e a ser em sociedade, ainda que esta reflexão seja fruto do tempo em foi escrita, as intuições que são apresentadas permanecem actuais. O homem que olha o mundo em seu redor e se depara com o sofrimento e desespero de alguns na busca do sentido da história, na luta pelo poder e domínio, encontra a presença de Deus no rosto de quem sofre, de quem é marginalizado. O cristianismo apresenta Deus na história de um povo, na promessa messiânica inaugura a plenitude do tempo, em que Cristo veio ao mundo para remir o homem, não apenas como um acto do passado, mas também do futuro. Neste acto do passado para o futuro que a fé é também esperança, a promessa que começou a ser cumprida na ressurreição de Cristo e alcançará a sua plenitude quando tudo for submetido a Cristo.

A dignidade do homem não encontra o seu fundamento cristão só no relato da criação, podemos encontrar outras passagens em que a dignidade do homem é valorizada. No Êxodo, Deus diz a Moisés

“Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egipto, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de o libertar da mão dos egípcios e de o fazer subir desta terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel, terra do cananeu, do hitita, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles. E agora, vai; Eu te envio ao faraó, e faz sair do Egipto o meu povo, os filhos de Israel.” (Ex 3, 7-10)

Ao longo de todo o Antigo testamento Deus caminha com o seu povo e envia homens que O auxiliem a manter o seu povo no cumprimento da aliança, isto é, Deus deseja que o seu povo viva com dignidade, em relação a Si e em relação ao seu próximo, por isso são chamados homens que ajudem o povo a realizar esta vocação.

No Antigo Testamento Deus não se faz distante, escolhe um povo para guiar e revelar a sua mensagem à humanidade, para isso, não escolheu um povo forte, mas um povo de escravos, e dos mais fracos e desprotegidos criou uma nação. O povo de Deus é assim o protótipo de cada crente, que é chamado a viver a esperança de um futuro melhor, que começa nesta vida, que não se alcança pela força ou pelo poder, mas pela entrega generosa e protecção dos mais fracos e oprimidos.

O Novo Testamento aprofunda e abre horizontes ao projecto iniciado na Antiga Aliança, abre verdadeiramente as portas a toda a humanidade e sublinha o mais importante da Lei, o amor a Deus e ao próximo.

A perspectiva cristã da defesa da dignidade funda-se, de um modo claro, nos evangelhos, Jesus lutou contra tudo o que era inumano e desumanizava o homem, “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11, 28-30). A sua vida foi o anúncio que o homem é imagem de Deus, que a sua missão foi de dar vida ao homem, e a vida em pleno, porque a vida é mais que o mero funcionamento do corpo, mas é a nossa dignidade enquanto pessoa, “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

Em Cristo o homem assume a sua dignidade, Moltmann refere este ponto numa outra obra sua, “O Homem – Mistério a Desvendar”, tal como Deus tinha resgatado o seu povo da escravidão na antiga aliança, Cristo vem anunciar o Reino de Deus aos pobres e aos marginalizados, mostra que Deus não só está connosco, mas que também é por nós. A sua mensagem é de libertação, que Ele viveu e pela qual foi crucificado.

Cristo na cruz é a ponte que eleva o homem, que vê Deus e se vê a si mesmo, levando-o à virtude de si mesmo. A expressão ‘Ecce Homo’, encerra em si uma identidade que atrai todos os que perderam a esperança e abra-lhes o horizonte.⁵⁶

A vivência da dignidade passa pelo cumprimento da Lei, é na medida que o homem ama Deus que concretiza no quotidiano o amor pelo próximo, e vice-versa, no amor ao próximo testemunha-se o amor a Deus. Amar o próximo como a mim

⁵⁶ Cf. MOLTSMANN, Jürgen, *O Homem: Mistério a Desvendar – Ensaio de Antropologia*, Edições Paulinas, 1976, p. 34

mesmo implica que o homem se ame e se sinta amada, é no relacionamento que o amor ganha vida e deixa de ser apenas uma palavra. Por isso a dignidade da pessoa humana na fé cristã é apresentada como uma proposta de vida e de caminhada que leva o homem a defender não só os seus direitos como também os direitos dos seus irmãos.

A presente obra possui algumas marcas do seu tempo, no que diz respeito à linguagem usada. Na altura a expressão utilizava-se a expressão sexo masculino e sexo feminino, enquanto hoje já é mais comum o uso da expressão género.

Quando Moltmann escreveu a sua obra as grandes formas de opressão foram o racismo, o sexismo e o capitalismo. Hoje, porem, ainda que estas formas de opressão existam, surgiu outras que minam a dignidade do homem de um modo mais voraz como a indiferença, o relativismo e o liberalismo selvagem.

Estas três formas de opressão são hoje uma grande ameaça ao homem. No tempo em que Moltmann escreveu a obra ainda havia grandes ideologias, que tentavam oferecer uma visão do homem e do mundo. Hoje ainda temos ideologias, ainda que estas não tenham o peso que já tiveram, de um modo geral podemos observar que o homem já não se pauta segundo uma determinada ideologia. As grandes ideologias que marcaram o início do séc. XX caíram por terra, como o marxismo. Se no entanto, não vemos a propaganda explícita das ideologias junto das massas, não podemos falar no fim das ideologias, como um dado absoluto.

Hoje notamos que o homem perdeu a esperança nas ideologias e por isso ficou um sentimento de indiferença face às grandes questões do homem. A indiferença

face às grandes questões leva o homem a não formar a sua consciência sobre a sua dignidade, neste sentido, embora a indiferença não seja uma ideologia, funciona como uma. A indiferença não é uma ideologia no sentido que, a sua maior marca é a ausência de preocupação pelas grandes questões da nossa existência, a mera reflexão e formulação de um conjunto de ideias que defenda esta postura seria a manifestação de uma preocupação, contradizendo assim a sua base. No entanto, a sua inércia é convite ao homem estagnar no seu canto e a penas a valorizar o momento fugaz das emoções, a busca do prazer e na fuga à dor.

A defesa dos direitos humanos apenas é alcançado quando a dimensão pessoal e a dimensão social estão em harmonia, perder a dimensão pessoal da dignidade traduz um empobrecimento a nível social da defesa dos direitos humanos. O homem ao perder a sensibilidade aos direitos do seu próximo, não só se isola, mas também abre caminho para que terceiros possam explorar a dignidade das restantes pessoas.

A sociedade moderna ocidental atingiu um patamar que de um modo geral satisfaz as necessidades básicas do homem, como a habitação, a alimentação, a saúde. No entanto, nas últimas décadas, também temos visto um rápido crescimento nas mãos da tecnologia e da ciência. A junção destas duas características fez com que o homem se acomodasse no seu bem-estar e não se preocupasse tanto com os outros. A grande dificuldade em relação à indiferença passa pelo facto de que não há propriamente uma pessoa que oprime e outra que é oprimida, mas a ausência criada pela indiferença abre espaço ao surgimento de outras formas de opressão e a sua perpetuação. Este é o grande problema que a indiferença traz, pela ausência de acção e atenção aos que nos rodeiam é possível que sejam cometidos actos inumanos sem

que ninguém dê por isso. Porque a indiferença não é uma ideologia não se consegue combatê-la somente em base de bons argumentos, mas é preciso passar ao plano prático, só pela vivência da dignidade da pessoa humana podemos mostrar a importância da sua defesa.

A indiferença apresenta dois aspectos: um interior e outro exterior. O aspecto interior da indiferença o mecanismo psíquico que brota da frustração do homem que não encontrou nenhuma ideologia que conseguisse responder de um modo definitivo às grandes questões do homem, o aspecto exterior da indiferença é o mecanismo de inércia que leva o homem a deixar de pensar nos outros e apenas a ter em conta o seu conforto.

O cristão não pode ser indiferente, a sua primeira vocação é à vida, e por isso, a deixar-se interpelar pelos seus irmãos e pelos acontecimentos da história. É na história concreta da humanidade e de cada homem, que a presença de Deus é revelada, a Bíblia e a vida dos santos e de tantos cristãos empenhados é prova disto mesmo. O homem que abre os seus horizontes aos seus próximos e à história encontra um fio condutor, inspirado por Deus é chamado a lutar pela vida que lhe foi dada e que se concretiza na lei do amor. O homem que é indiferente pode ser comparado ao morno, “Conheço as tuas obras: não és frio nem quente. Oxalá fosses frio ou quente. Assim, porque és morno - e não és frio nem quente - vou vomitar-te da minha boca.” (Ap 3, 15-16), esta tibieza é fruto que quem está materialmente bem na vida e por isso não cuida da sua vida espiritual.

O relativismo pode ser um abuso à dignidade da pessoa humana, quando é levado ao extremo, como um absoluto é uma ideologia. Se por lado reconhecemos

que o conhecimento que temos é sempre limitado, como não temos acesso aos dados e factos no seu estado estado puro, temos de recorrer à interpretação, se num certo sentido o que sabemos é relativo ao sujeito, esta afirmação não ser absolutizada, porque conseguimos alcançar algumas certezas para a nossa vida, como a defesa da dignidade da pessoa e os direitos universais do homem.

Reconhecer os nossos limites não pode ser uma desculpa para deitar por terra o que inúmeras gerações tentaram alcançar, que a consciência do homem aumentasse e aprofundasse face a questões como a sua dignidade e a universalização dos direitos básicos.

O relativismo possui dois factores: um interior e outro exterior. O facto interno é o mecanismo psíquico que nasce do homem que sobrevaloriza os seus limites e deste sentimento de inferioridade permite que tudo fique em questão, sem que no entanto procure as respostas aos seus dilemas, o aspecto exterior do relativismo o mecanismo que leva o homem a desvalorizar qualquer tentativa de saber, porque não podemos ter certezas absolutas, nada vale.

Na promessa de Cristo, o cristão constrói a sua vida e realiza a sua vocação como aquele que constrói a sua casa sobre a rocha⁵⁷, reconhece a sua pequenez e confia na promessa que lhe foi feita, ainda que a vida tenha uma hierarquia de valores, e que por isso nem tudo vale o mesmo, não cai do erro de afirmar que não há nada que tenha valor, e que por isso tudo é relativo. O homem pode relativizar os valores face a um mais importante, como o amor, e assim o seu bem-estar e o seu conforto podem ser relegados para um segundo plano, mas, esta atitude é no seu

⁵⁷ Cfr. Mt 7, 24

cerne completamente distinta do homem que no seu coração diz que tudo vale o mesmo, e por isso nada tem valor, neste vazio toda a acção humana adquire o mesmo valor, que dela resulto o bem ou o mal para a humanidade.

A grande ameaça do relativismo à dignidade humana é de lhe retirar seu valor, o homem é apenas um instrumento para alcançar um fim e não tido como um fim em si mesmo.

O liberalismo selvagem é grande parte a evolução do capitalismo. A liberdade económica levou a que os estados vissem com bons olhos o crescimento económico que advinha dessa liberdade, por isso o estado não colocou entraves a este sistema, nascendo assim um modelo económico liberal. No entanto este modelo viveu um jogo de alto risco, a banca e a especulação financeira que o acompanha, este jogo de alto risco trouxe risco altíssimos, as consequências foram desastrosas para a banca. Os gastos superaram os vencimentos e criou uma crise económica, o que levou à necessidade de recorrer a fundos internacionais para restaurar o equilíbrio.

O liberalismo selvagem representa o jogo arriscado e inumano que pôs em causa a sustentabilidade económica de povos e nações, a exaltação do lucro como bem absoluto, em que se justifica todos os meios que são utilizados para alcançar este fim.

Face à situação que vivemos são apresentadas duas soluções que são totalmente disparas: uma aponta para o aumento de poder do estado criando um estado paternalista que cuida de tudo e de todos; a outra é retirar poder ao estado e privatizar o máximo possível a fim de rentabilizar ao máximo o seu potencial económico. A solução não passa, na minha opinião, por levar como absoluto ambas as abordagens.

Por um lado precisamos de sistemas que sejam economicamente sustentáveis, no entanto, também temos de ter em mente que o lucro não é tudo; por outro lado a aquisição de um estado socialista também trouxe as suas benesses, como a criação de estruturas que cuidam dos mais necessitados e vulneráveis da sociedade. O estado tem a missão de proteger os seus cidadãos, mas também tem a missão de criar estruturas que levam os seus cidadãos a aprofundarem a sua consciência face aos direitos pessoais e sociais do homem. O lucro não é tudo, mas precisamos gerar riqueza se queremos que depois se possa fazer uma justa distribuição desta.

O homem precisa de ter em conta que uma ideologia política não existe apenas como discurso ou argumento, mas passa para a práxis da vida, por isso não pode ser absolutizado o poder do discurso ou a lucidez lógica que pode ser apresentado. O homem é capaz de subverter o que em teoria é bom e poderia servir o bem comum. Não são poucas as vezes que vemos políticas que no papel têm tudo para ser positivas, no entanto é na sua aplicação que os problemas nascem, exactamente porque o homem em vez de servir o bem comum, serviu-se destas políticas para enriquecer e ganhar mais poder.

A solução passa por uma co-responsabilização social, o homem deve ter consciência do papel que é chamado a ter na sociedade, que deve ser solidário e empenhado. Não basta que o homem se sinta bem, mas também que os outros que estão perto de si estejam bem.

O liberalismo selvagem, tal como foi apontado para a indiferença e para o relativismo, possui um factor interno e outro externo. O factor interno é o mecanismo psíquico que leva o homem a valorizar mais o que tem do que o que é, e o factor

externo é o mecanismo social que apresenta modelos de sucesso de vida apenas baseado no poder que se conseguiu alcançar.

Cristo recorda que a sua missão foi servir e não ser servido⁵⁸, os seus contemporâneos esperavam um messias político que viesse libertar o povo do império romano e elevar os discípulos acima dos restantes. Da missão de Cristo temos a configuração da missão de cada cristão, de servir a Deus e aos seus irmãos, Jesus recorda isto mesmo quando aponta que o quer ser maior entre todos se faça no mais pequeno⁵⁹. O centro da vida é a relação que cultivamos com quem está próximo e com Deus, tudo o resto ganha sentido e importância se servir este propósito, por isso não se trata de condenar o lucro, antes o trabalho é valorizado, mas o fruto deste não é visto como um fim em si mesmo, contudo é um modo de cuidar dos dons que Deus nos deu. À imagem a parábolas dos talentos⁶⁰ somos convidados a cultivar e a por a render os talentos que recebemos, não é a quantidade que conta, mas o modo como os tratamos, assim também intuímos a nossa responsabilidade na vida da sociedade, cada um de nós é chamado a contribuir para o bem comum com os dons que tem, e não nos podemos alienar desta missão.

A visão cristã sobre a economia é construída na co-participação e co-responsabilização de cada homem, na missão de cuidar e trabalhar para o bem comum, cada um coloca em comum os dons e os lucros que possui, à imagem das comunidades primitivas⁶¹. Esta é a resposta cristã aos desafios económicos do nosso tempo, é no seguimento do exemplo do que as comunidades cristãs são chamadas a

⁵⁸ Cfr. Mc 10, 45

⁵⁹ Cfr. Mt 20, 25-28

⁶⁰ Cfr. Mt 25, 14-30

⁶¹ Cfr. Act 2,42-47; 4,32-35; 5,12-15

ser que podemos abrir caminhos que permitam ao homem viver a sua dignidade em pleno. O homem é chamado a estar atento aos sinais do tempos e aos seus irmãos, o Espírito Santo impele a que conforme cada situação em particular possam ser encontradas respostas concretas para as mais carenciados e desfavorecidos, muitos dos serviços sócio caritativos do nosso país ainda são desempenhados por instituições católicas, este é um testemunho não passa despercebido e que dá frutos.

A obra de Moltmann acima de tudo continúa actual, é certo que há aspectos a serem actualizados, mas o centro da sua obra permanece inalterado. O homem é chamado a viver a sua dignidade, não só para garantir o seu bem bem-estar, mas também para defender a dignidade do seu próximo. A visão cristã da dignidade é enriquecedora, porque vê a origem deste desejo em Deus, o autor da vida e que criou o homem à sua imagem. O cristão acredita na dignidade que não deseja o castigo de ninguém mas a conversão, pois é libertando oprimidos e opressões que conseguimos travar os ciclos de opressão, que desumanizam o homem.

Walter Kasper na sua obra “Teología e Iglesia” menciona a teologia de Moltmann, na qual o Reino de Deus é a fundamentação dos direitos humanos. Na sua reflexão aponta algumas insuficiências a este pensamento, ter como fundamento dos direitos humanos o Reino de Deus e o homem, pode levar a que institua a autonomia como derivação da teonomia, que por sua vez pode levar a que a teologia se torna numa ideologia, com todos os perigos que esta acarreta. Walter Kasper aponta que a

resposta está na analogia entre a liberdade cristã e a liberdade moral, pois embora sejam autónomas, elas possuem entre si uma relação recíproca de correspondência.⁶²

A dignidade da pessoa humana é um valor a ser defendido, Moltmann ao experimentar o sofrimento do homem, encontra em Cristo crucificado um sinal que Deus está ao nosso lado, que se revela na história do homem. Na cruz a dignidade do homem é revelada, o sofrimento pode ser compreendido e abre-se horizonte para o homem encontrar e viver a sua dignidade. No entanto, tal como Kasper chama à atenção, a liberdade não só pode fundar exclusivamente na teonomia, pois corremos o risco de não valorizar a autonomia que liberdade cristã e a liberdade moral possuem, por outro lado corremos também o risco de fomentar ideologias. A dignidade da pessoa que está ligada à questão da liberdade tem ser construída numa relação dialógica entre a revelação cristã e o pensamento moderno, pois por um lado são distintas, mas não são incompatíveis, é possível construir pontes entre ambas. Um factor importante a ter em consideração é que não nos podemos esquecer que a cruz é a sabedoria de Deus e a loucura para este mundo, como S. Paulo escreve à comunidade de Coríntios.

Nas obras mais recentes de Moltmann o tema da dignidade da pessoa humana não é abordado de uma forma explícita como na “*La Dignidad Humana*”, no entanto a forma como aborda a esperança está ligada a este tema. A fase mais recente de Moltmann representa a organização e sistematização da sua teologia. A esperança cristã nasce na experiência de Deus que Israel teve, uma experiência de Deus que

⁶² Cfr. KASPER, Walter, *Teología y Antropología – Teología y derechos humanos en la moderna conciencia de la libertad y de la historia*, in *Teología e Iglesia*, Editorial Herder, Barcelona, 1989, pp. 244-245

liberta e cria o direito, que por sua vez é universalizada com o Messias prometido, Jesus Cristo.⁶³ Neste ponto toda a história do homem encontra a sua origem e a sua meta, o futuro escatológico, inaugurado com a ressurreição de Cristo, começa hoje, ainda que não se concretize em pleno. A ressurreição de Cristo é a verdadeira fonte de esperança, de uma esperança realista e não utópica.

⁶³ MOLTSMANN, Jürgen, *Nella Fine – L’Inizio – Una piccola teologia della speranza*, Editrice Queriana, Brescia, 2004, p.101

2. Unidade Lectiva

2.1. Competências específicas (ver o programa em anexo)

1. Esta competência é pertinente e está bem formulada.
5. A formulação desta competência é parecida à competências específicas nº 25, enquanto que a competência 25 apenas refere à perspectiva cristã esta refere à perspectiva religiosa e a valores éticos. É uma competência pertinente.
6. Referir “valores humanistas e cristãos” surge como uma redundância, se atendermos que o específico da disciplina é a perspectiva cristã, de um modo geral, e a perspectiva católica, de um modo mais particular.
9. A competência tem uma dimensão catequética, esta disciplina faz uma abordagem educativa e cultural e não está subjacente a adesão do aluno à fé cristã. Uma hipótese seria de em vez de começar com o verbo organizar, deveria ser empregue verbos como reconhecer ou interpretar, “reconhecer um universo coerente e organizado de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã”.
10. A presente competência não foca de um modo explícito a identidade cristã. Uma hipótese seria acrescentar no fim, em confronto com os valores cristãos.

Embora a disciplina não implique uma adesão de fé dos alunos é uma disciplina confessional, o que significa que apresenta aos alunos a perspectiva católica da visão do mundo, articulada com o mundo da cultura e ciência⁶⁴.

12. Esta competência surge formulada de um modo tão genérico que não menciona o específico da disciplina.

14. A competência está bem formulada e pertinente para a unidade lectiva. É a única competência específica, referida nesta unidade lectiva, que se refere ao domínio do saber.

23. A formulação deixa algumas questões quanto a “textos fundamentais”, embora se possa consiga deduzir o significado da expressão, não refere que há textos da Bíblia mais importantes que outros, mas que nem todos os textos referem os mesmos valores e atitudes com a mesma intensidade, sendo necessário escolher os textos que exemplificam melhor os valores e atitudes em questão. Para valorizar a especificidade da disciplina poderia estar formulada da seguinte forma: “Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e revelantes para os cristãos”.

24. Esta competência tem um carácter catequético, pois devia ser “Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana para os cristãos”.

25 e 26. Estas duas competências podiam estar juntas, uma vez que o que difere uma da outra é a dimensão do saber que valoriza, enquanto a primeira é atitudinal a segunda é comportamental. Se ambas as competências estivessem juntas e se

⁶⁴ Cf. PEREIRA, Jorge Augusto Paulo, *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*, Gráfica Almodina, Lisboa, 2007, p. 21

incluísse o domínio do saber, teríamos uma competência completa, por ter em conta os três domínios de uma competência.

Em síntese, as presentes competências específicas apresentam uma forte componente procedimental, uma vez que de 11 competências, 6 são do âmbito do saber fazer, 4 são do âmbito do saber ser e só 1 é do âmbito do saber.

A unidade lectiva presente reflecte muito à volta de valores, por isso seria de esperar mais competências no âmbito do saber ser.

A formulação das competências poderia ter mais em conta o específico da disciplina, com alguma facilidade corremos o risco de transformar a disciplina em catequese ou de retirar a perspectiva católica dos temas a leccionar.

2.2. Análise do quadro de operacionalização das competências e conteúdos

Operacionalização da competência 1

O início de uma unidade lectiva deveria começar pelo âmbito cognitivo, pois é importante que os alunos primeiro compreendam e saibam identificar conceitos base que são utilizados no resto da unidade.

Operacionalização da competência 2

Esta temática é aprofundada no 7º ano, unidade lectiva 3, “riqueza e sentido dos afectos”.

Está bem desenvolvida e é pertinente, demonstra fazer parte de uma sequência lógica sobre a apresentação do conceito de pessoa.

Operacionalização da competência 3

Esta operacionalização está bem formulada, aponta para três competências, uma do saber (competência 14), uma do saber fazer (competência 25) e uma do saber ser (competência 26).

Operacionalização da competência 4

Esta operacionalização está bem formulada e é pertinente.

É com esta operacionalização que termina uma parte desta unidade lectiva, que está à volta do tema da pessoa e as suas diferentes dimensões.

Operacionalização da competência 5

Os conteúdos apresentados: Declaração Universal dos Direitos do Homem e Convecção sobre os Direitos da Criança são recursos pedagógicos.

Os alunos já trabalharam a Declaração Universal dos Direitos do Homem no 5º ano, na unidade lectiva 5, “a fraternidade”.

Operacionalização da competência 6

Esta operacionalização apenas menciona as crianças, tendo em conta o tema da unidade, a pessoa humana, porque é que não há referências a outras faixas etárias e a outras situações que ponham em causa a dignidade da pessoa humana?

Operacionalização da competência 7

Está em sequência com a operacionalização anterior, por isso o que foi mencionado para aquela pode-se aplicar a esta.

Operacionalização da competência 8

Não podemos partir do pressuposto que os nossos alunos são cristãos ou que já tomaram a sua decisão de fé. “A finalidade última é fazer com que os alunos compreendam a perspectiva cristã da vida e a relacionem, de forma sistemática, com as situações da vida quotidiana e os outros saberes, sejam eles de natureza científica, cultural ou artística”⁶⁵.

O conteúdo apresentado, salmo 139, é um recurso pedagógico.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 21

Operacionalização da competência 9

Esta operacionalização está bem formulada, as competências que menciona têm em conta as três dimensões de uma competência: o saber, o saber fazer e o saber ser.

É a última operacionalização da unidade lectiva, é positivo que ofereça uma visão global do que foi leccionado.

Estamos perante uma unidade lectiva pretensiosa, é de louvar a forma como é proposto o modo de desenvolver o tema da pessoa humana.

Se no que refere as competências específicas, estas valorizam mais o saber fazer, são apresentadas 1 do domínio do saber, 6 do domínio do saber fazer e 4 do domínio do saber ser; a operacionalização das mesmas não segue este esquema, 1 do domínio do saber, 4 são do domínio do saber fazer e 4 do domínio do saber ser. A alteração está no domínio do saber ser, que tem tanto realce como o saber fazer, no entanto apenas encontramos uma operacionalização no domínio do saber, e que se encontra a meio do capítulo, quando deveria estar no seu início, como mencionei acima.

A presente unidade lectiva pode ser dividida em três partes.

A primeira parte refere-se às operacionalizações 1, 2, 3 e 4, que desenvolvem o tema da pessoa e as suas diferentes dimensões.

A segunda parte está ligada às operacionalizações 4, 6 e 7 que expõe o tema da dignidade da pessoa.

A terceira parte está relacionada com as operacionalizações 8 e 9, que apresentam a perspectiva cristã da dignidade humana.

Embora a sequência de operacionalizações esteja bem desenvolvida, a primeira operacionalização deveria ser do âmbito cognitivo. Primeiro os alunos teriam de conhecer os conceitos base do que é a pessoa e a sua dignidade para depois podermos interpretar, organizar e mobilizar os saberes que fazem parte desta unidade lectiva. Assim, a primeira operacionalização deveria ser: conhecer os conceitos de pessoa e o conceito de dignidade.

2.3. Quadro comparativo

Em relação à unidade lectiva 2

Esta unidade lectiva não mostra nenhum ponto de ligação com a unidade anterior, apresenta, no entanto, um ponto de ligação com a primeira operacionalização da terceira unidade, no entanto penso que não se justifica uma unidade inteira só para poder fazer uma introdução à família, quando esta unidade refere apenas o nascimento do menino Jesus e a importância do seu projecto, por isso, parece que surge desenquadrada. Uma possível explicação para a sua presença é a do calendário litúrgico, pois, seguindo as unidades na sequência apresentada, esta é leccionada no fim do primeiro período.

No entanto a segunda unidade tem em si toda a potencialidade para ser uma boa ligação entre a unidade lectiva 1 e 2, uma vez que é perspectiva cristã da dignidade da família. Nesta linha de pensamento, é pertinente dar relevo ao advento como

tempo de esperança, em o povo judeu esperou pelo messias, hoje os cristãos festejam o nascimento do menino Jesus, deste ponto passar à situação geográfica e histórica em torno do nascimento do menino Jesus, o tema sequencial do Natal e das suas tradições, apresentar os elementos cristãos que fazem parte desta festa e apresentar as suas origens.

A unidade terminava com a importância da função socializadora da família. Deste modo a unidade lectiva não pareceria ter tanto uma carga catequética, seria uma ponte de ligação entre duas unidades lectivas e ainda ganharia pela pertinência do momento em que é leccionada, no fim do primeiro período, a coincidir com a festa de Natal.

Em relação à unidade lectiva 3

A dignidade da pessoa, que foi desenvolvida na primeira unidade, é alargada para a dignidade da família.

A unidade termina aprofundando o papel do Estado em assegurar e proteger a família.

Existe uma sequência lógica da primeira unidade para esta.

Em relação à unidade lectiva 4

Esta unidade aprofunda a dignidade da pessoa, mas sob o papel desta na sociedade.

A família vive em sociedade é chamada a garantir que a dignidade que existe dentro de si é também promovida face às outras pessoas que fazem parte da sociedade.

Moltmann afirma que o homem que luta pela sua dignidade luta também pela dignidade das restantes pessoas.

Em relação à unidade lectiva 5

Embora à primeira vista não haja uma ligação directa entre esta unidade e a primeira, o que as liga é o respeito pela natureza.

Esta unidade lectiva surge na sequência de todas as outras unidades lectivas. Depois de o aluno ter aprofundado o valor da sua dignidade e de ter reflectido o seu papel na família e na sociedade, é apresentado o tema do cuidar do planeta em que vivemos, e de um modo mais concreto, de todos os seres vivos.

Em relação à unidade lectiva 5 do 5º ano

A primeira unidade lectiva do 6º ano continua o tema que foi iniciado na última unidade lectiva do 5º ano, a fraternidade. Depois de o aluno trabalhar a importância da fraternidade, inicia um novo ano lectivo aprendendo a fundamentar a fraternidade na dignidade da pessoa humana, que é depois aprofundada a outros níveis nas restantes unidades lectivas do 6º ano.

É de salientar que é positivo que não só haja um fio condutor entre as unidades lectivas de um ano, mas que também haja uma sequência lógica entre as unidades que são leccionadas num ciclo.

Possível sequência do programa do 6º ano

As unidades lectivas, apresentadas no programa da disciplina, seguem uma certa ordem lógica, com a excepção da segunda, Advento e Natal. As unidades lectivas do 6º ano percorrem as várias dimensões da dignidade, começa por apresentar o conceito de pessoa e a sua dignidade para depois alargar o âmbito da vivência dessa mesma dignidade, primeiro em família e depois em sociedade, finaliza com a dignidade de todos os seres vivos.

No quadro acima apresentado a unidade dois aparece desligada deste nexo, conseguindo apenas compreender a sua presença por coincidir com o calendário litúrgico.

Assim, seguiria a seguinte ordem:

1º A pessoa humana

2º A família, comunidade de Amor

3º O pão de cada dia

4º O respeito pelos animais

Conclusão

Na obra “La Dignidad Humana” Moltmann faz uma leitura da história do homem, em que para analisar a sua dignidade olha para o passado, analisa o presente e reflecte sobre o futuro.

O tema da dignidade humana é visto com esperança, o tema em si é actual, no entanto, o que torna a reflexão de Moltmann tão especial é o modo como o valor da esperança está presente. Hoje, o homem não só precisa de revisitar o que é central na sua vida, como também, precisa de encontrar caminhos para o futuro.

A perspectiva cristã tem um contributo valioso a dar. O cristão vê em Deus a fonte da sua dignidade, é chamado a respeitar a sua dignidade e consequentemente a cuidar da dignidade do seu próximo.

Na perspectiva cristã também podemos entender a dignidade do homem de uma forma dinâmica. O desejo pelo poder leva o homem a por em causa a sua dignidade, e a dos outros, por isso, só com as virtudes teologais o homem reencontra o seu caminho. A fé cristã aponta que o homem não está só, Deus caminha ao seu lado. A verdadeira dignidade apenas é alcançada através de Deus, pois Ele é a origem e meta da dignidade da pessoa humana, criada à imagem de Deus.

A esperança cristã nasce da visão optimista da história, que não é ingénua mas fruto da maturidade. Só um homem maduro vendo as luzes e sombras do nosso tempo, não se deixa vencer pelas sombras, mas olha para as luzes com fé, esperança e caridade.

A perspectiva de Moltmann sobre a dignidade da pessoa humana é enriquecedora, não só do ponto de vista da reflexão, mas também na tentativa de encontrar caminhos para o futuro. O modo concreto com que trabalha o tema é uma mais-valia, tendo em consideração a faixa etária dos alunos que frequentam o sexto ano. É fundamental que os alunos se apercebam e descubram os valores que devem pautar a nossa vida, do mesmo modo é importante ter em conta que apenas um discurso teórico e abstracto não os ajuda muito, não pelo menos nesta fase, mais tarde terão a capacidade necessária para reflectir sobre o tema de uma forma mais densa e abstracta.

A primeira unidade lectiva do 6º ano, “A pessoa humana” tem como objectivo educar o aluno para a valorização da sua dignidade, para organizar a sua vida à volta de valores que o dignifiquem e que o tornem mais humano e que o incentivem a agir em conformidade com essa organização de valores. Por isso, a nível pedagógico beneficiei muito em ter lido e em ter trabalho esta obra.

Na perspectiva cristã o homem possui uma dignidade que não foi conquistada, mas tem origem em Deus, é desta dignidade pessoal que nasce uma dignidade colectiva. A opressão deve ser combatida, o homem tem de ser promovido, por isso não podemos só pensar em quem é oprimido, mas também em quem oprime. A solução passa sempre pelo homem, que ao reconhecer a sua dignidade luta pela

dignidade de todos que estão à sua volta. É preciso ter esperança, não só porque Deus está ao nosso lado, mas também porque age em nós. Ao longo da história foi chamando homens que com coragem e com o testemunho da sua vida deixaram um legado digno de perpetuar.

A vida do cristão tem fundamento nas virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade, o estudo da obra de Moltmann levou-me a reflectir como elas estão interligadas. A fé que assenta na promessa de Deus ao seu povo e foi concretizada em Cristo, no entanto esta promessa não é um acontecimento do passado e do presente, mas projecta-se para o futuro, quanto Cristo submeter tudo a Si, assim a fé abre espaço à esperança, que não se remete meramente para um futuro longínquo e desligado do presente, mas pelo contrário, vê no presente as sementes da promessa futura, remete-nos ao pedido do crente “Vem, Senhor Jesus”⁶⁶. A esperança leva o crente à caridade, porque não é uma espera inerte, mas que leva o crente a continuar a missão de Cristo. A caridade é também fruto da fé, uma vez que a promessa de Deus é feita um povo e não ao homem como apenas individuo.

A caridade é a praxis do cristão na sua vida, que é chamada a ter uma dimensão pública e se manifesta nas esferas do político e do social. Moltmann sublinha este aspecto, o crente assume sempre um compromisso perante a sociedade em que vive, por isso tem uma dimensão pública e não pode ser, meramente, remitido para o foro privado, como se o acto de acreditar ficasse confinado a um conjunto de rezas ou mezinhas. Esta é a diaconia da Igreja, serviço que não se reserva apenas aos diáconos, mas faz parte da missão de cada cristão, servir os mais pequenos, os mais

⁶⁶ Ap 22, 20

pobres e os mais marginalizados. Para o cristão realizar a vontade de Deus é viver em permanente diaconia a exemplo de Jesus Cristo.

Nos nossos dias, este tema ganha uma importância acrescida, vivemos em tempos de crise, poderíamos discutir o sentido da palavra ou até argumentar que a história do homem é feita de crises, mas a verdade é que no presente quadro que vivemos a palavra crise já entrou no nosso vocabulário e faz parte de grande parte das nossas conversas. Num tempo em que somos tentados a procurar caminhos fáceis para resolver os problemas actuais, é preciso chamar a atenção que o caminho mais percorrido nem sempre é o melhor, é necessário mostrar que vale a pena lutar por ideais e por valores.

Anexos

Competências Específicas

1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.
5. Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos.
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
9. Organizar um universo coerente de valores cristãos a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como factor de enriquecimento mútuo.
14. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo.

23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.

24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.

25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Operacionalização das competências e conteúdos

| Operacionalização das competências | Conteúdos |
|--|---|
| 1. Interpretar produções culturais sobre as dimensões da pessoa humana, no reconhecimento da sua dignidade. (Comp. 1 e 5) | <ul style="list-style-type: none">• O que é a pessoa?• Estrutura individual (unidade irrepetível)• Estrutura pessoal (ser em relação com os outros)• Dimensão física, racional e volitiva (ser livre) |
| 2. Organizar um universo de valores orientado para a relação com os outros, a cooperação, a solidariedade e a vivência do amor. (Comp. 9 e 12) | <ul style="list-style-type: none">• Dimensão afectiva e sexual<ul style="list-style-type: none">○ A dimensão sexual abrange a totalidade da pessoa: corpo, vontade, afectividade, etc.○ Abertura aos outros que são diferentes: a linguagem do corpo na comunicação com os outros○ Ruptura com o egoísmo e vivência do amor |
| 3. Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a relação da pessoa com Deus, reconhecendo nela um aspecto central da mensagem cristã. (Comp. 14, 25 e 26) | <ul style="list-style-type: none">• Dimensão espiritual: a relação com o transcendente |

| | |
|---|---|
| 4. Organizar um universo de valores orientado para a autenticidade. (Comp. 9) | <ul style="list-style-type: none"> • A autenticidade: fidelidade ao próprio projecto (vocação), equivalência entre o que se é e o que se aparenta ser; vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade; aceitação de si mesmo |
| 5. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana. (Comp. 1 e 9) | <ul style="list-style-type: none"> • Ser dotado de direitos e de deveres: <ul style="list-style-type: none"> ○ Declaração Universal dos Direitos do Homem ○ Convenção sobre os Direitos da Criança |
| 6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais em que a dignidade e os direitos das crianças não são salvaguardados. (Comp. 1, 6 e 9) | <ul style="list-style-type: none"> • Atentados aos direitos das crianças: doenças que facilmente poderiam ser curadas; subnutrição e fome, que por vezes conduz à morte; prostituição infantil; trabalho infantil; abandono pelas famílias ou por quem as suas vezes fizer; mendicância ao serviço dos outros; consequências da desintegração matrimonial e familiar; tráfico de crianças; maus-tratos na família... |
| 7. Organizar um universo de valores fundado na salvaguarda da dignidade e dos direitos das crianças. (Comp. 1 e 9) | <ul style="list-style-type: none"> • A UNICEF e a luta pela construção de um mundo onde todas as crianças tenham condições de existência dignas |
| 8. Interpretar textos bíblicos que evidenciem o carácter pessoal de Deus como elemento fulcral da mensagem cristã, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 14, 23 e 24) | <ul style="list-style-type: none"> • Sl 139(138): Deus é pessoa e estabelece com todos uma relação pessoal |
| 9. Mobilizar os valores da dignidade humana, da cooperação e da solidariedade em ordem a orientar o comportamento em situações do quotidiano. (Comp. 1, 10 e 12) | <ul style="list-style-type: none"> • Ser pessoa e dar condições para que todos sejam pessoas |

Bibliografia

Fontes

MOLTMANN, Jürgen, *La Dignidad Humana*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1979

PEREIRA, Jorge Augusto Paulo, *Programa de Educação Moral Religiosa Católica*, Gráfica Almodina, Lisboa, 2007

Estudos

MONDIN, Battista, *Dizionario enciclopédico de filosofia teologia e morale*, Editrice Massimo, 1989, Azzate

CARVALHO, José Carlos, *Notas Biográficas e Teológicas sobre Jürgen Moltmann*, in *Humanística e Teologia* – Ano 28 – Dezembro de 2007 – Fascículos 1/2, pp. 51-65

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática Gaudium et Spes*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002

Declaração Universal dos Direitos do Homem: texto oficial português, Atlântida, Coimbra, 1978

KASPER, Walter, *Teología e Iglesia*, Editorial Herder, Barcelona, 1989

MOLTMANN, Jürgen, *Biografia e Teologia – Itinerari di Teologi*, Editrice Queriniana, Brescia, 1998

MOLTMANN, Jürgen, *Nella Fine – L’Inizio – Una piccola teologia della speranza*, Editrice Queriana, Brescia, 2004

MOLTMANN, Jürgen, *O Homem: Mistério a Desvendar – Ensaio de Antropologia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1976

PIERRARD, Pierre, *História da Igreja Católica*, Planeta Editora, Lisboa, 1992

PINHO, Arnaldo, *Entrevista Jürgen Moltmann*, in *Humanística e Teologia* – Ano 28 – Dezembro de 2007 – Fascículos 1/2, pp. 17-49

ROTTER, Hans - VIRT, Günter, *Nuevo Diccionario de Moral Cristiana*, Editorial Herder, Barcelona, 1993

<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1467>

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 1 |
| 1. A dignidade humana: um conceito indispensável | 5 |
| 1.1. Primeiros esclarecimentos..... | 11 |
| 1.2. Elementos integrantes da Dignidade Humana | 12 |
| A Bíblia e a Dignidade Humana | 13 |
| Alguns dados históricos sobre a Dignidade Humana | 18 |
| A Dignidade Humana na actualidade..... | 22 |
| A Dignidade Humana e a liberdade..... | 26 |
| 1.3. A Dignidade Humana: um tema para o Séc. XXI? | 35 |
| 2. Unidade Lectiva..... | 48 |
| 2.1. Competências específicas (ver o programa em anexo) | 48 |
| 2.2. Análise do quadro de operacionalização das competências e conteúdos | 50 |
| 2.3. Quadro comparativo | 54 |
| Conclusão | 58 |
| Anexos..... | 62 |
| Competências Específicas | 62 |
| Operacionalização das competências e conteúdos | 63 |
| Bibliografia | 65 |